



Marcelo
Henrique
Silva

Só
fumo
quando
bebo

Do autor de *Sangue
neon*, vencedor do
Prêmio Jabuti 2025
na categoria Escritor
Estreante. Romance

TUSQUETS
EDITORES

ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Marcelo
Henrique
Silva

Só
fumo
quando
bebo

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Marcelo Henrique Silva, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Fernanda Guerriero Antunes
REVISÃO: Thiago Bio
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Fabio Oliveira
IMAGEM DE CAPA: Gustavo Magalhães
(da série "A pele da pintura")

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Silva, Marcelo Henrique

Só fumo quando bebo / Marcelo Henrique Silva. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.
160 p.

ISBN 978-85-422-4276-8

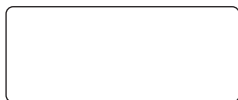
I. Contos brasileiros I. Título

26-1459

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos brasileiros



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Natureza-morta	9
Fresta	22
Você me puxa	33
Rua das Flores	42
Gata traveca também mia	58
Tem alguém lá fora	92
Local	109
Arquivo corrompido	122
hoje vou sair	135
Santo de Pau	148

Natureza-morta

Quando eu for embora daqui, vou pegar todo o meu dinheiro e comprar um barco. Se fecho os olhos agora, não há janela, ou paredes brancas, ou urinóis, ou macas, ou aquele vento frio que vem por baixo da porta. Somente existe o som das ondas do mar se arrebrandando nas pedras do recife, das crianças no parque da rua de baixo, dos carros tocando música suave, das mulheres com seus maridos, filhos e netos, um burburinho manso de gente que conversa e ri. Mas há uma parede e uma janela. Nesta vida, a janela sempre esteve aqui. E, do outro lado, assisto a todo esse

rito, vejo as pessoas sorrindo para mim, os braços esticados, me chamando, um convite para o que elas possuem. Eu estendo as mãos de volta, sorrio em resposta, mas não consigo chegar até elas. De alguma forma, não consigo atravessar esta janela. E me ponho aqui, no anexo, a sala ao lado, um alguém que contempla a felicidade dos outros sob outro ponto de vista. Por aqui não há filhos, não há família, não há.

Tenho uma irmã, às vezes ela vem me visitar. Os estudantes comparecem todas as manhãs; esses não falham. Sempre com as mesmas perguntas, vejo seus rostos redondos de quem não sabe, o susto e o deslumbramento de quem está na véspera. Mando todos para a puta que pariu. Já me conhecem, sabem do meu jeito. Comigo não tem conversa, não há tempo a perder. Cada segundo aqui é um segundo a menos. E eu preciso sair deste quarto. Conheço todos os protocolos, sei como se desenrolam as visitas, as passagens de plantão, as corridas de leito. Sei quem são os médicos-residentes, os assistentes, as técnicas de

enfermagem, o pessoal da fisioterapia. Isso aqui é uma espelunca. Mas a vista compensa. De frente para o mar, às vezes me perco por horas no manto anil, tentando achar o ponto exato onde tudo se junta, céu e água, onde tudo vira uma pintura muito bonita. E então chega a comida naquele carrinho, a textura pastosa, a gelatina, o suco grosso, já disse que não como essa merda.

Este quarto tem um péssimo gosto. O quadro na parede mostra uma mesa cheia de frutas escuras dispostas sobre uma base de pedra. Figos, romãs, ameixas, a brega natureza-morta, como se já não bastasse todo o resto que morre por aqui. Existe um grande relógio digital na parede oposta, do lado da minha cama, colocam para que eu sempre saiba em que momento do dia estou. Manhã, tarde, noite. Peço para olhar os exames, checar os prontuários. Me internaram por causa de uma simples cistite, não posso permitir que isso se estenda mais. Sabe, existem bactérias terríveis dentro de um hospital. E meu colchão tem cheiro de mijo, sempre. Eles trocam

o lençol e eu corro para meter o nariz no tecido, puxo o odor com força, está limpo. Isso me alegra muito. Mas então passa nenhum minuto e o cheiro volta, como uma recidiva, a ureia, a amônia, o azedo. Tiro então a roupa de cama e jogo no chão, piso em cima, grito. Minha irmã às vezes vem me visitar. Ela tem olhos verdes que se parecem com azeitonas, sempre brinquei com isso, ela odeia. Minha nossa, como está velha. Ficamos ali um olhando para o outro, dois velhos. Ela me traz livros e me conta histórias da sua casa, da família que construiu. Faz isso achando que me traz consolo, como uma esmola. Se você não teve a tua, contente-se com a minha. Ela está certa, eu não tive. Mas não podem dizer que não amei, que não senti. Isso não podem dizer. Não podem me acusar de ter vivido uma vida de mentira, como muitos amigos enrustidos que enterraram seus desejos, soterraram suas pulsões, tudo para se casar, para ter um lugar naquele banquete que chamam sociedade. Naquela natureza-morta. Nunca tive vergonha

de quem eu sou, dos homens a quem me entreguei. Só que hoje estou sozinho.

A equipe chegou para fazer um enema. Me debato com todas as forças, ofendendo até a sétima geração de seus antepassados. O médico disse que há um fecaloma enorme no meu rabo e precisam lavar para que eu não morra obstruído. Já fiz muito a chuca nessa vida, enchendo o ânus e o reto com um líquido claro, que logo saía escuro. Eu sempre verificava a cada jato e só me dava por satisfeito até que a água expelida fosse cristalina. Até que meu cu estivesse limpo. Só assim eu poderia deixar que brincassem ali atrás. Um dos meus maiores medos era o de cagar durante o sexo. Hoje tudo o que eu mais quero é cagar. Sexo não há mais, não há muito tempo. Depois dos meus sessenta, tentei aproveitar toda oportunidade que me aparecia. Mas parece que a gente já morre bem antes de falecer nesse mundo gay. Quando se é jovem e bonito, você consegue viver de tudo. Depois que começa a ficar decadente, ninguém mais quer saber de você.

Eu deveria ter me casado com ele. Penso naquele dia em que me propôs. Tinha uma sobran-celha que se unia na glabela, uma monocelha. Eu achava um charme, não tínhamos nem quarenta anos. Pensei em tudo que ainda queria viver, nas pessoas que ainda iria saborear. Eu queria mais e mais. Eu deveria ter me casado com ele. Não me avisaram que meu prazo se esgotaria tão rápido. Que eu me tornaria indesejável, sempre uma sombra nas boates e nas salas de bate-papo. Uma bixa velha não tem valor algum. Mas aqui neste hospital não faz diferença se sou bixa ou não. Apenas um velho como qualquer outro. Depois que você fica velho, deixa de ser todos os outros adjetivos. Vira só velho.

Estou desconfiado desses homens de uniforme. Tenho quase certeza de que estão tentando me matar. Uma vez, ouvi um dos residentes dizer que sou um paciente paliativo. Olho para a parede e aquele quadro da natureza-morta não está mais lá. Em seu lugar, a pintura de um homem com o dedo indicador apontado bem para mim. Não

há mais relógio, a vista não dá para o mar, e sim para as montanhas. Minha irmã veio me visitar, mas me aparece uma senhora gorda de pele bem morena. Não reconheço os olhos de azeitona. Tudo que boto na boca tem gosto de cobre. Nem sinto mais tanta raiva quando os estudantes chegam para coletar minha história. Ao contrário, começo a contar a eles tudo que sei. Falo de quando desfilamos naquele Carnaval, como tudo estava lindo e brilhante, de como as matinês explodiam em purpurina e lança-perfume. Falo dele, com sua sobancelha grossa e seu olhar de quem me convidava. Eu o dispensei para poder viver uma vida. Os estagiários fingem interesse e anotam tudo naqueles cadernos de espiral. Eu costumava escrever meus diários naquela época em que as pessoas ainda escreviam coisas sobre si mesmas no papel. Hoje, elas escrevem coisas de si para que os outros vejam. Não param para pensar que não estão deixando nada para elas próprias.

Apesar da aparência, apesar das doenças, apesar de todos os pesares, ainda sou muito ativo.

Gosto de trabalhar, de produzir, de viajar. Tenho uma entrevista de emprego agendada, meu currículo é impecável. Claro que as coisas vão ficando mais difíceis no mercado de trabalho, mas eu compito com bastante dedicação. Puta que pariu, deveria ter comprado um terno novo. Me levanto com urgência porque o táxi já está lá embaixo me esperando. Sem tempo, visto o que dá, a calça servindo de camisa, até que fiquei fashion. Uma vez, ganhei um concurso de beleza. Logo no corredor, me pegam pelo braço, o táxi lá embaixo buzinando, vou perder aquela vaga. Filhos de uma égua. Fico muito nervoso, aquela era uma oportunidade rara. O médico de plantão chega e me dá uma injeção. Digo a ele que sou saudável, que não tenho demência, que não tenho aquela doença. Escuto ele dizer para a equipe que estou em episódios de *delirium*. Que é o que acontece quando idosos ficam doentes e isolados. Sozinho depois que saem, eu choro manso e quieto.

Acordo assustado, sonhei que meus dentes estavam todos caindo. Chamei a enfermeira

porque senti muita dor de cabeça. Quando a gente sente alguma dor, só consegue pensar nisso. Nessas horas, a gente se convence de que todas as outras dores são supérfluas. Mas aí eles te metem morfina e você volta a achar os mesmos pesos nos mesmos problemas. Como quando papai me espancou e me jogou na rua. Ou como quando meus amigos morreram tão jovens. Ou quando descobri a doença avançada. Ou como quando me arrependi de não ter me casado com ele. Chamei a enfermeira de novo e pedi a ela alguma outra morfina para essas outras dores. Ela riu e pediu que falasse baixo porque estava atrapalhando o sono dos outros pacientes.

Botaram uma cortina escura, não sei mais quando é dia e quando é noite. Não há relógio, as pessoas mudam a cada semana, não reconheço mais ninguém. Um dos fisioterapeutas pegou no meu pau enquanto estávamos fazendo as sessões. Ele não fazia bem meu tipo, mas de toda forma meu sexo não reagiu. Achei aquilo uma grosseria – não ele ter pegado no meu órgão, mas o fato de

eu não mais responder. Sempre fui muito rápido no jogo da sedução. Perguntei para a assistente social qual era o nome do rapaz, mas ela disse que a fisioterapeuta é uma mulher. Gargalhei na cara dela, deve ser por isso que não fiquei excitado. Nem jovem conseguia transar com uma amapoa. Não sei como todos aqueles enrustedos conseguem. Dizem que tomam remédio para transar. Ou pensam nos michês que contratam nas horas vagas. Vida mais triste, sempre desprezei. Que ironia, olha para mim agora. Eles estão lá, velhos também, mas com suas esposas dedicadas, seus filhos e netos ao redor. Estaríamos todos nós condenados a este tipo de fim? E o pior, será isso culpa nossa?

Já faz alguns dias que não consigo me levantar. Meu corpo afunda neste colchão como se houvesse um piano sobre mim. Sinto que minha pele tem vontade de quebrar a maca, de vencer sua resistência, de me jogar no chão e me fazer penetrar por todas as camadas da crosta terrestre. Mas é apenas carne, então no fim das contas sou

eu quem perco a batalha e fico cheio de úlceras e escaras. As auxiliares me viram de costas como se eu fosse um cadáver, expondo para a luz as feridas. Elas trocam os curativos, tiram uns pedaços, reclamam do mau cheiro. Não consigo mais comer, então botaram uma sonda que se afunda para dentro do meu nariz. Dizem que isto é morrer com dignidade.

Tenho certeza de que me envenenaram. Me internei neste hospital por uma simples dermatite e nunca mais saí. Esses remédios que injetam em meu soro me fazem ter febres terríveis. Estou tão invadido por tubos e sondas que sinto como se terceiros fizessem todo o trabalho que um organismo tardio não consegue mais. Me movem por galpões, aparelhos, diálises, dietas, punções, manipulações. Vejo como olham para mim. Não mais falo ou reajo, mas sobra algum discreto lampejo de pensamento. Não tenho irmã, amigos ou descendentes. Minha passagem neste mundo pode não ter significado nada para ninguém. Mas então penso nos viados, nas sapatão, nas travas,

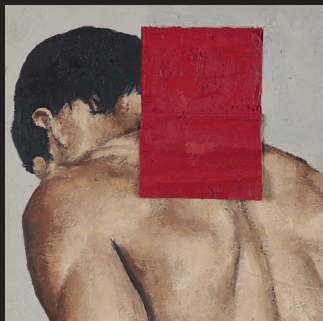
naquela gente toda, barulhenta, incômoda, puta merda, como a gente incomodou! Por quantas décadas estávamos lá, vivendo. Penso então que, talvez, ter vivido como eu mesmo seja o maior legado que eu posso ter deixado. Ainda que ninguém se lembre.

As horas, os dias e as semanas se fundem num grande borrão distante. Lembro da voz da minha mamãe me dando salada de frutas com muito açúcar misturado. Penso nas paradas da avenida e meu rosto quase esboça um sorriso. Sou menos definido a cada momento. Dizem que eu tenho visita. Acho uma barbaridade, botem a culpa no maldito *delirium*. Esforço cada sinapse que me resta para tentar dar clareza à visão. Tudo está fluorescente, como se fosse um grande sopro de luz. Me pegam na mão e falam com voz bondosa. Há um rosto, é redondo, é uma face. Uma boca, um bigode, um nariz curvo, um par de olhos e uma sobrancelha grossa, tão longa que se une sobre a glabella. Uma monocelha. Eu deveria ter me casado com ele, penso forte para me fazer

entender. Ele assente, balança a cabeça. Acaricia minhas orelhas com um leve puxão. E diz bem baixinho, tão suave que só meu pensamento consegue interpretar: "As bixas estão esperando no barco, agora está na hora de ir".

TUSQUETS
EDITORES

Só fumo quando bebo



Do vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Escritor Estreante, uma coletânea de contos que explora o corpo, o desejo e as formas de pertencimento em um mundo que insiste em excluir e silenciar.

Há nos dez contos de *Só fumo quando bebo* uma tensão constante entre o que se vive e o que se pode dizer. Corpos que desejam, adoecem, envelhecem, resistem... e que, ao fazê-lo, expõem as fissuras de um mundo que insiste em regulá-los e deixá-los à margem. Marcelo Henrique Silva escreve a partir dessas bordas; em geral, são lugares de silêncio, de exclusão e de confronto, onde a presença e a força do afeto frequentemente se confundem com sua ausência.

Se em seu romance de estreia o autor iluminava vidas invisibilizadas pela história, neste livro ele radicaliza o gesto, aproxima o olhar, escava o detalhe, sustenta o incômodo. Seus personagens atravessam tempos, espaços e registros, em um mosaico de experiências marcadas pelo homoerotismo, pela solidão e pela violência, mas também por formas inesperadas de vínculo e sobrevivência.





"Só fumo quando bebo é uma coletânea inventiva e corajosa. Marcelo Henrique Silva nos apresenta personagens que não têm medo da descoberta, do olhar do outro. Da vida ou da morte.

O resultado são essas histórias intensas, por vezes estranhas, sempre apaixonantes, contadas com a minúcia e a exigência de um autor que já sabe a força da linguagem." – MARCELA DANTÉS

TUSQUETS
EDITORES



TRECHO 7 88542 24276 3 PARA DIACRÍTICAS E OSÍBOIDA.

-  planetadelivrosbrasil
-  planetadelivrosbrasil
-  planetadelivrosbrasil
-  planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros